

VALENÇA, A MEMÓRIA DO PASSADO E O PRESENTE

Regina Faria Arieira¹

A intensa crise política e econômica do final do século XVII engendrou um mundo alternativo à metrópole portuguesa, que até o presente momento esteve presa aos pântanos da baixada fluminense. A Serra que os circundavam, povoada por índios e animais de todas as espécies, era denominada de “Áreas Proibidas do Sertão do Rio Preto”, pela própria Coroa Portuguesa. O efetivo motivo de impedir a ampliação geográfica e a sua ocupação, até aquele momento, era a cobrança dos altos impostos alfandegários ao longo de todo o Caminho Novo aos mercadores e tropeiros, além de que, a região fosse usada pelos contrabandistas de ouro.

A segunda metade do século XVIII foi marcada pelo esforço de conquistar essas novas áreas. Durante quase todo esse período, as terras do Vale do Paraíba ainda mantinha intacta sua exuberante floresta de mata Atlântica, violada apenas por algumas trilhas abertas na mata por contrabandistas e povoada por índios. Aqui retratada magnificamente por Jean-Baptiste Debret, um dos artistas contemporâneos do Brasil Colonial, e que acompanhou a ocupação e transformação da região.



1- Professora Adjunta do Centro de Ensino Superior de Valença, mestre em História Social pela Universidade Severino Sombra, Graduada em Ciências Sociais e História pelo CESVA /FAA.

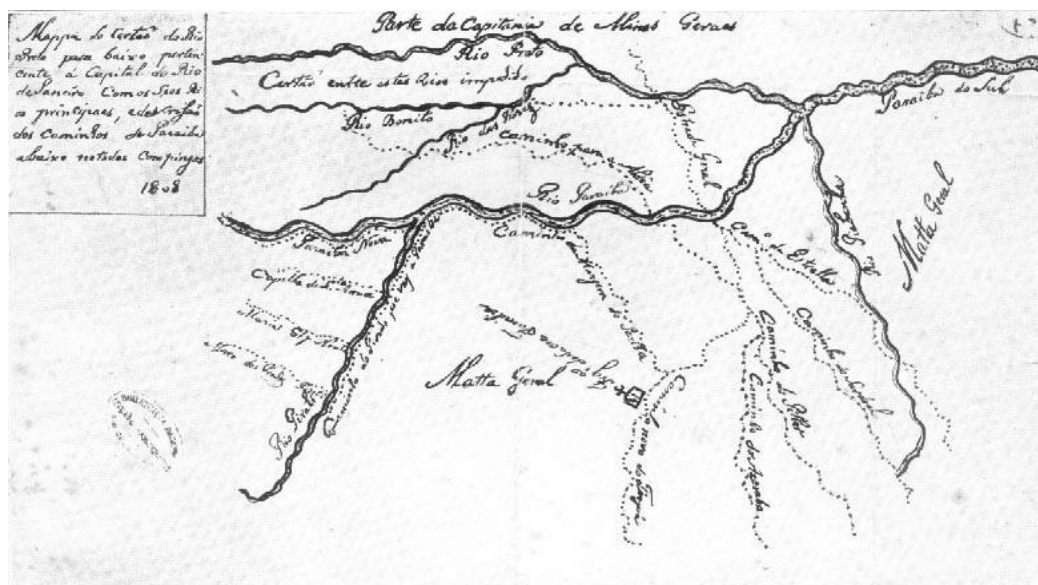
Os habitantes do Sertão de Valença eram os índios Coroados, resultantes do cruzamento dos Caiapós com os temíveis Goitacás de Campos, que se estabeleceram na margem superior do Rio Paraíba do Sul. O intercâmbio crescente, com outros grupos indígenas nativos das redondezas gerou, rivalidades e miscigenação entre eles de acordo com diversos relatos de época. Os grupamentos indígenas foram assim identificados como: Miritis ou Purus; Pitás; Coroados de Valença; Ximinins ou Xumetós; Arari; Taipurus e outros.

A Coroa Portuguesa, inicia o seu projeto de ocupação com a distribuição de sesmarias no “Sertão”. A nova região atraiu gente de todo lugar: mineradores, portugueses açoreanos, e valentes cariocas que subiam “as Terras de Serra a Cima” (como era denominada essa região pelos moradores da Baixada), a fim de se dedicarem aos negócios da lavoura. A nova vida lançava o desafio: Vencer a floresta e advir aos índios.

Já no fim do século XVIII, em 1789, o vice-rei D. Luís de Vasconcelos e Souza, designa o capitão de ordenanças Inácio de Souza Werneck a combater e afastar os índios coroados nas “Áreas do Sertão do Rio Preto”. Com a gradativa ampliação de sua ação inicia-se a catequese dos habitantes de vários aldeamentos indígenas sob o comando do Padre Manoel Gomes Leal. Posteriormente, em 1801, agilizou-se o processo de aldeamento dos índios Coroados, pois, a cada dia que passava o convívio entre fazendeiros e índios ia se tornando insuportável.

Nesse novo cenário, em 1803 é fundada a aldeia onde foi erguida uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Glória, tomando o nome de Aldeia de Valença, em honra a D. Fernando José, descendente dos nobres de Valença em Portugal.

Com a efetiva conquista em 1808, o Sertão de Valença é mapeado através da descrição de seus caminhos e rios. O trabalho ímpar de autoria de Inácio de Sousa Werneck contribui para a crescente penetração e circulação na região.



No desejo de prosperar e organizar, a pequena vila é elevada a categoria de cidade no idos de 1857. O crescimento da cidade, e de sua população foi destacado pelo escritor francês Charles Ribeyrolles em visita a região pela segunda vez destaca que: Valença tem prosperado. [...] Suas estradas são belas e a ligam a outros pontos da província. [...].

No cerne desse contexto, o café enriquece Valença, transformando as áreas isoladas em fazendas prósperas com seus solares rurais e uma aristocracia agrária que influencia a cultura na terra fluminense. Sustentando a estrutura agrária descrita um grande número de braços escravos é utilizado, dado a ausência de maquinário nas lavouras cafeeiras da região.



Fazenda Santo Antônio do Paiol. Antiga propriedade dos herdeiros de Manoel Antônio Esteves. Somente parte do conjunto resistiu ao tempo. Marc Ferrez. Coleção Gilberto Ferrez. IMS

O declínio cafeeiro de Valença ocorre com a Lei Áurea de 1888. Portanto, a região não se preparou para a abolição, perdeu-se de uma hora para outra os seus numerosos escravos – a sua mão-de-obra cafeeira. Segundo Luiz Damasceno, Valença foi apanhada de surpresa, tendo naquele ano perdido duas terças partes da colheita. Com isso, ficou praticamente inviável a sobrevivência econômica das grandes lavouras cafeeiras. A vegetação nativa tomou conta dos cafezais e, pouco a pouco a criação do gado vacum prosperou na região. O mundo rural começa a se reestruturar e ocorre uma migração de lavradores e investidores para outras áreas mais prósperas. A população que nos idos do século XIX, era na maioria rural se transforma pouco a pouco em urbana.

Em virtude de todos esses fatores e da importância que o café tinha para Valença, a cidade caiu em um estado de decadência por vinte anos, com o comércio estagnado e as propriedades rurais e urbanas desvalorizadas.

Com investimentos na cidade por parte de imigrantes italianos, novos caminhos começam a ser trilhados. A partir de 1906, com a fundação da fábrica de tecidos Industrial de Valença e posteriormente com a abertura de outras indústrias têxteis ocorre o ressurgimento de Valença. Os anos 50, chegam e Valença volta a despontar por sua estabilidade econômica urbana e rural. Ao longo dos anos subsequentes, desafios e incertezas, econômicas e políticas ressurgem com o advento da globalização: indústrias fechadas, crise na pecuária e laticínio, além da desestrutura social. Como uma fênix, Valença busca através do turismo, do comércio e de sua tradição de cidade universitária novas alternativas de sobrevivência no século XXI.



A Princesinha da Serra ou a Valença de hoje, situa-se no Estado do Rio de Janeiro, em uma região denominada Médio Paraíba, com altitude média de 560 metros acima do nível do mar e com clima tropical úmido. Sua divisão administrativas apresenta-se da seguinte forma: Valença-sede; Santa Isabel do Rio Preto; Conservatória; Parapeúna; Pentagna e Barão de Juparanã. O município histórico, localizado entre o vales dos Rios Preto e Paraíba do Sul, na divisa do Estado de Minas Gerais faz limites com: Barra do Piraí , Barra Mansa, Passa Vinte (MG), Quatis, Rio das Flores, Rio Preto (MG), Santa Bárbara do Monte Verde (MG), Santa Rita de Jacutinga (MG) e Vassouras.



Na sede do município, a cidade de Valença, primeiro distrito, encontra-se estruturada com 53 bairros aproximadamente, que surgiram ao longo da ocupação territorial e do desmembramento de fazendas e/ou grandes áreas particulares. Os bairros são assim denominados: Água Fria; Aparecida; Barroso; Biquinha; Bela Vista; Belo Horizonte; Benfica; Cambota; Canteiro; Carambita; Centro; Cidade de Deus; Chacrinha; Chica Cobra (Santa Cecília); Conquista; Esplanada do Cruzeiro; Esteves; Fátima; Hildebrando Lopes; Jardim Dona Angelina; Jardim Valença; João Dias; João Bonito; Laranjeiras; Loteamento São Marcos; Matadouro; Monte Belo; Monte D' Ouro; Morada do Sol; Morro do Querozene; Nossa Senhora de Lourdes (Engenheiros); Osório; Parque Pentagna; Passagem; Paraíso; Ponte Funda; São Bento; São Francisco; São José das Palmeiras; Santa Clara; Santa Cruz; Santa Inácia; Santa Luzia; Santa Therezinha (Marquesão); Santa Rosa; Serra da Glória (Nossa Senhora da Glória); Spala I; Spala II; Torres Homem; Oswaldo Fonseca (Vadinho Fonseca); Vale do Sabiá; Vale Verde; Varginha.

Algumas dessas localidades surgiram ao longo do século XIX, misturando realidade e mitos, descritos através de lendas populares. Entre tantas destaca-se a Cova da Onça, transformada em poema por Arnaldo Nunes.

COVA DA ONÇA

Dizem que ao sopé daquela serra havia,
No grande resplendor da natureza,
Uma fuma tristíssima e sombria,
Justo terror de toda a redondeza.

E' que, mais de uma noite, à luz tranquila
E solene do luar, vira o selvagem
O forte reluzir de uma pupila
Entre o lindo veludo da folhagem:
—Pupila que o jaguar fixa na lua,
Quando pela amplidão, régia, flutua.

Mesmo assim, ao perigo indiferente,
Cena vez, um Coroado — alma guiada
Por Tupan, como cria toda gente
Faz daquele covil sua morada.
Louco talvez, talvez um suicida
Cansado dos rigores desta vida!

À noite, entanto, quando sorrateira
A fera, regressando, do alto desce:
— Algo pressente, em cólera se esgueira,
Ventre colado ao chão, chega, recua,
Escarva terra, treme, pára, estua,
E... num urro brutal, desaparece!...

E' que ali estava a mágica figura
Do índio, vindo lá da célica planura!

Mal não havia pois que resistisse
A presença de tal iluminado...
E foi por sua voz que o Céu bendisse
O novo aldeamento então criado

No decorrer dos séculos, muitas coisas mudaram em Valença. Entretanto, segundo Halbwachs, a sociedade na qual o indivíduo está inserido constroem a memória histórica que é compreendida como a sucessão de acontecimentos marcantes na história de um grupo. Pois, nas suas palavras o “passado deixou na

sociedade de hoje muitos vestígios, às vezes visíveis, e que percebemos [...] no aspecto dos lugares e até no modo de pensar [] 1.

Através, desse pensamento visualizamos a Valença de hoje com a pressa e as necessidades contemporâneas contrastando-se com o aspecto bucólico e ainda tranquilo da Valença de ontem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONAVIDES, P.; VIEIRA, R.A.A. Textos políticos da História do Brasil. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, s/d. p. 556-562. IN: CALDEIRA, J. e outros. CD-Rom. **Viagem pela História do Brasil**. São Paulo. Cia das Letras, 1997.

FERREIRA, L.D. **História de Valença (Estado do Rio de Janeiro)**. 1803-1924. 2ª edição. Valença, 1978.

GRAHAM, M. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823, tradução e notas de Américo Jacobina Lacombe, São Paulo**: Cia. Editora Nacional (Brasiliense, Biblioteca Pedagógica Brasileira, série V, v.8), 1956.

HALBAWACHS, M. **A memória coletiva**; tradução de Sidou, B. São Paulo: Centauro, 2006.

IÓRIO, L. **Valença de Ontem e de Hoje: 1789-1952**. Juiz de Fora, 1953.

LAMEGO, A.R. **O Homem e a Serra**. [Rio de Janeiro]; Edição da Divisão Cultural, (Publicação; nº8 da série A: "Livros". Setores da evolução fluminense, 4), 1963.

MACHADO, H. **Escravos, Senhores e Café**: A crise da cafeicultura escravista do Vale do Paraíba Fluminense (1860-1881). Niterói - RJ: Cromos, 1993.

RIBEYROLLES, C. **Brasil pitoresco; histórias; descrições; viagens; colonização; instituições**. Tradução e notas de Penalva, G., 2v. São Paulo: Martins, 1941.